

UM OLHAR SOBRE A VIOLÊNCIA URBANA: RELAÇÃO ESPACIAL ENTRE HOMICÍDIOS E TRÁFICO DE DROGAS NO BAIRRO PRIMEIRO DE MAIO, BELO HORIZONTE/ MG

Resumo: o artigo traz uma análise da relação espacial entre homicídios e tráfico de drogas no bairro Primeiro de Maio, em Belo Horizonte, evidenciando a influência do ambiente urbano na ocorrência de delitos. Foi utilizada uma pesquisa documental dos boletins de ocorrência (REDS) dos casos de homicídios e de tráfico ilícito de drogas ocorridos no bairro, entre os anos de 2007 a 2016. Os métodos empregados foram organizados em três etapas: mapeamento dos locais de venda de drogas e das ocorrências de homicídios na região; análise da densidade de distribuição espacial dessas ocorrências e verificação da distância entre os locais de ocorrência dos homicídios em relação aos locais de tráfico ilícito de drogas. Os resultados demonstraram que os crimes de homicídios aconteceram próximo aos locais de venda de drogas, com distâncias inferiores a 72,59 metros, o que caracteriza uma correlação entre os crimes analisados.

Palavras-chave: Violência Urbana. Homicídios. Tráfico de Drogas. Correlação espacial.

Abstract: The paper presents an analysis of the spatial relationship between homicides and drug trafficking in the Primeiro de Maio neighborhood in Belo Horizonte, showing the influence of the urban environment on the occurrence of crimes. A documentary search of the police reports of the cases of homicides and illicit drug trafficking that occurred in the neighborhood between 2007 and 2016 was used. The methods employed were organized in three stages: mapping of drug sales locations and the occurrences of homicides in the region; analysis of the spatial distribution density of these occurrences; and, verification of the distance between the places where the homicides occurred concerning the places of illicit drug trafficking. The results showed that homicide crimes occurred close to drug sales points, with distances less than 72.59 meters, which characterizes a correlation between the crimes analyzed.

Keywords: Urban Violence. Homicide. Drug Trafficking. Spatial Correlation.

1 INTRODUÇÃO

O crime, enquanto um fenômeno típico de todas as sociedades, tem a cidade como seu principal cenário, já que esta é, por excelência, palco das relações sociais, o que é destacado por Pedrazzini (2006, p. 23):

A violência urbana não é um fenômeno isolado: a urbanização caótica, a densificação ou a privatização dos espaços públicos, a segregação social e racial leva a considerar as atividades informais e ilegais, violentas ou não, como indicadores de uma transformação mundial da civilização urbana.

A industrialização do país proporcionou o deslocamento do homem do campo para as cidades, como consequência, criou-se uma superpopulação nos grandes centros brasileiros, com a formação de aglomerados populacionais em torno das áreas urbanas, especialmente em suas periferias, onde surgiram zonas de segregação e bolsões de pobreza, fazendo com que o ambiente da cidade se tornasse dicotômico (RIBEIRO *et al.*, 2012; CARVALHO *et al.*, 2001; MARICATO, 1995; 1996). Nesses aglomerados, ou espaços segregados, áreas em que a infraestrutura urbana é precária ou insuficiente, o crime consegue instalar-se mais facilmente (RANAURO, 2004). Essas regiões periféricas, denominadas favelas ou aglomerados subnormais, são áreas onde há maior risco de acontecerem homicídios; locais marcados por ambientes desorganizados e degradados, favoráveis à prática de crimes (SILVA, 2012).

Para Ferreira (2016), o fato dos centros urbanos absorverem pessoas em larga escala gera um crescimento exponencial e, por conseguinte, acarreta a formação de regiões periféricas marcadas pela concentração de pobreza, ambientes degradados e extrema desorganização social. Nesses locais, a atuação do Estado tende a ser insatisfatória, fato que, aliado às péssimas condições socioeconômicas, favorece a instalação de lideranças criminosas.

UM OLHAR SOBRE A VIOLÊNCIA URBANA: RELAÇÃO ESPACIAL ENTRE HOMICÍDIOS E TRÁFICO DE DROGAS NO BAIRRO PRIMEIRO DE MAIO, BELO HORIZONTE/ MG

Em Belo Horizonte, essa realidade não é diferente. A capital, desde sua instalação, é marcada pela segregação intraurbana. Conforme Baggio (2005), o plano da cidade originou um modelo cuja organização do espaço urbano foi nitidamente segregacionista, com explícita distinção entre os ricos residentes na zona urbana e a população pobre presente na zona rural. Essa distinção criou diferenças significativas entre o padrão urbanístico da zona urbana e da suburbana, sendo que os operários foram excluídos do plano urbanístico da cidade (BAGGIO, 2005).

Alguns estudos¹ propõem a correlação entre a incidência de homicídios e os crimes relacionados ao comércio de drogas ilícitas no ambiente urbano. Nesse sentido, torna-se importante analisar os registros de homicídios, sobretudo os ocorridos nas regiões periféricas, os locais mais propensos, e analisar a sua correlação com a incidência do crime de tráfico de drogas.

Nesse cenário de violência e precariedade de infraestrutura urbana, encontra-se o bairro Primeiro de Maio, com população de, aproximadamente, cinco mil habitantes, situado na região norte de Belo Horizonte. O ambiente do bairro caracteriza-se por dois quadros distintos: um com moradias estruturadas e outro constituído por um ambiente deteriorado, composto por um aglomerado de habitações precariamente construídas e carentes de infraestrutura apropriada que, em muitos pontos, configuram becos estreitos, vielas e ruas sem saídas. Dessa forma, são compostas barreiras físicas e visuais, o que dificulta o acesso tanto de pessoas quanto de veículos. Como consequência desse quadro de desorganização estrutural e social, diversos indivíduos contumazes na prática de delitos, sobretudo tráfico de drogas e homicídios, encontram-se inseridos no contexto local. Como resultado, o bairro apresenta altos índices de criminalidade (VIEIRA et al., 2011).

Assim, tem-se o problema central da presente pesquisa: em que

¹Beato *et al* (2001); Ferreira (2016).

medida existe correlação espacial entre os pontos de venda de drogas e os crimes de homicídio no bairro Primeiro de Maio em Belo Horizonte?

Para se obter resposta ao problema de pesquisa proposto, teve-se como objetivo geral analisar a correlação espacial entre os pontos de venda de drogas e os crimes de homicídio no bairro Primeiro de Maio em Belo Horizonte. Os objetivos específicos foram:

- a) identificar os Registros de Eventos de Defesa Social (REDS) de tráfico de drogas e de homicídios no bairro Primeiro de Maio em Belo Horizonte;
- b) mapear, por meio do georreferenciamento dos eventos, os pontos de venda de drogas e das ocorrências de homicídios;
- c) realizar análise de correlação entre os eventos criminais.

A presente pesquisa se justificou pela importância de se fomentar e ampliar o conteúdo acadêmico, além de contribuir para que as políticas públicas de segurança estejam cada vez mais robustecidas pelo incremento de conhecimento científico em prol da prevenção criminal.

2 A DELINQUÊNCIA SOB A PERSPECTIVA DA DESORGANIZAÇÃO SOCIAL

Na literatura sociológica dos trabalhos em análise ecológica do crime, um exemplo clássico é o modelo ecológico de Shaw e McKay (1942), que analisa o fenômeno da criminalidade a partir do estudo das comunidades de uma determinada área, conhecido como Teoria da Desorganização Social. Elaborada na Escola de Chicago, por Clifford Shaw e Henry McKay, a partir do tema *Delinquência Juvenil e Áreas Urbanas*, trata-se de uma pesquisa em que, por meio do mapeamento da cidade, verificou-se a conexão da ocorrência de delitos no contexto das áreas urbanas (ALVES, 2013).

UM OLHAR SOBRE A VIOLÊNCIA URBANA: RELAÇÃO ESPACIAL ENTRE HOMICÍDIOS E TRÁFICO DE DROGAS NO BAIRRO PRIMEIRO DE MAIO, BELO HORIZONTE/ MG

A Teoria da Desorganização Social se constitui por uma abordagem sistêmica cujo enfoque situa-se em torno das comunidades locais, estas percebidas em um complexo sistema de redes de associações formais e informais, de conexões de parentescos, afinidades e de outras relações que, de algum modo, colaboram para o processo de socialização e aculturação da pessoa. Essas relações seriam determinadas por questões estruturais, tais como heterogeneidade étnica, mobilidade residencial, condições econômicas, dentre outras (CERQUEIRA; LOBÃO, 2003). O conceito de desorganização social pode ser entendido como a degradação das regras sociais (coletivas) de comportamento existente sobre os membros individuais do grupo (BURSIK², 1998 *apud* SILVA, 2012).

A partir do estudo das áreas de maior criminalidade, com base nas prisões e processos de adolescentes realizados na cidade de Chicago, entre os anos de 1900 e 1933, Shaw e McKay (1942) perceberam que os menores índices de violência estavam nos bairros residenciais projetados e, em contrapartida, a maior parte dos delinquentes residiam nos bairros mais afastados. E, ainda, essas regiões mais violentas apresentavam uma conformação espacial de famílias desestruturadas e incompletas, com residências deterioradas, baixo grau de escolaridade e desfavoráveis condições socioeconômicas.

Cruz (2010) explica que Shaw e McKay (1942) introduzem variáveis (fundamentadas em um grande survey aplicado na cidade de Chicago) que os permitiram mensurar aspectos da mudança na composição da população das áreas comunitárias estudadas. Assim, baseados nesses dados, Shaw e McKay (1942) avaliaram que os resultados obtidos indicavam que certas áreas da cidade continuavam a se caracterizar por altas taxas de delinquência, independentemente da composição dos grupos que ali residiam. As taxas de crime em algumas comunidades permaneciam constantes, apesar de mudanças

²BURSIK, R. J. Social Disorganization and Theories of Crime and Delinquency: Problems and Prospects. In: **Criminology**, Volume 26(4): 519-51, 1988:

na composição de sua população.

Dentro desse raciocínio, a tese central de Shaw e McKay (1942) reside no fato de que altas taxas de delinquência refletem a incapacidade da comunidade de se autorregular (desorganização social) e não uma estrutura econômica simplesmente. É argumentado que o padrão das taxas de delinquência dos bairros estava relacionado com algum processo ecológico que emerge da estrutura socioeconômica das áreas urbanas. A Figura 1 ilustra o modelo de Shaw e McKay (1942).

Figura 01 - Modelo da desorganização social desenvolvido por Shaw e McKay (1942)



Fonte: Adaptado de ALVES, 2013

Contudo, como fundamenta Silva (2012), embora tenha servido à cidade de Chicago no início do século XX, algumas críticas pontuais ao modelo de Shaw e McKay (1942) foram feitas. O autor argumenta que a teoria pode ser criticada com relação à mudança de ênfase, ou seja, modelos como o da abordagem da desorganização social são macrossociológicos que se referem a propriedades de grupos e não abarcam aspectos da motivação individual do infrator (SILVA, 2012).

Outro ponto passível de críticas refere-se à falta de clareza com que os autores diferenciaram o resultado presumido da desorganização social (o aumento da delinquência e do crime) da própria desorganização social (CRUZ, 2010).

Diante das críticas, novos estudos surgiram no sentido de tentar esclarecer o caráter conceitual único da desorganização social por meio de uma definição em termos da capacidade do bairro se autorregular por meio de processos formais e informais de controle. A reformulação da abordagem enfatiza não apenas o grau em que

UM OLHAR SOBRE A VIOLÊNCIA URBANA: RELAÇÃO ESPACIAL ENTRE HOMICÍDIOS E TRÁFICO DE DROGAS NO BAIRRO PRIMEIRO DE MAIO, BELO HORIZONTE/ MG

as comunidades podem ser funcionalmente interdependentes, mas também o grau em que a natureza dessa interdependência muda no decorrer do tempo.

Ao discutir a relação entre o contexto social e os comportamentos de membros de gangues em uma periferia de Belo Horizonte, complementa tal visão:

Essa reformulação representa a raiz da Ecologia Humana, visto que implícita está a ideia de que a dinâmica que dá origem à estrutura da cidade é a mobilidade espacial dos grupos. Assim, variando em graus, toda rede de residência tem que encarar o potencial de adição ou perda de seus membros. Implica dizer que os indicadores estruturais de vizinhança podem mudar (como mobilidade residencial, nível de controle informal, nível de renda) sem que o sistema seja dissolvido. Ou seja, as comunidades passam a ser percebidas como “malhas integradas entre si e à cidade como um todo”. Este pressuposto difere dramaticamente daquele contido no trabalho de Shaw e McKay, uma vez que os modelos sistêmicos contemporâneos presumem que as redes relacionais comunitárias se inserem em sistemas relacionais mais amplos. Neste sentido, assim como as redes ligam os moradores de bairros específicos em uma estrutura sistêmica, cada bairro também apresenta laços entre ele e a estrutura ecológica da cidade (CRUZ, 2010, p. 39).

Através de uma reformulação sistêmica da teoria, Bursik e Grasmick (1993) impulsionaram as pesquisas sociológicas; buscaram nos bairros características que explicassem o crime de forma que a comunidade local fosse estudada como um complexo sistema relacional entre familiares e amigos e de vínculos associativos, com base no processo de socialização vigente no bairro. Nesse raciocínio, o bairro teria elementos capazes de exercer a autorregulação, permitindo a supervisão coletiva e controle local; logo, um bairro com elevada desorganização social terá suas formas de controles formal

(legislação e instituições estatais competentes) e informal (associações comunitárias como família e igreja, por exemplo) enfraquecidos de forma que as circunstâncias sejam favoráveis ao cometimento de crimes. Assim, de acordo com essa visão, haveria dois níveis de controle comunitário da criminalidade: um entre os residentes – de um para com o outro – e outro realizado pelas organizações locais – família, escolas, igrejas e outras associações comunitárias (ALVES, 2013).

2.1 A CRIMINALIDADE NO VIÉS DA TEORIA DAS OPORTUNIDADES

Na literatura sociológica, existem teorias que na perspectiva da criminologia ambiental trabalham a noção de oportunidade do crime, as quais se fundamentam no pressuposto da racionalidade dos criminosos.

Conforme Ferreira (2016), o ambiente desorganizado e sem medidas efetivas de controle social é um fator preponderante para o surgimento da criminalidade, porém, tais características não podem ser consideradas como única razão para a explicação dos eventos criminais. Alves (2013) fundamenta que a razão pode ser pensada como o princípio fundamental que governa as ações. Assim, o princípio da racionalidade apresenta dois caminhos distintos de escolha: o certo e o errado, ficando a cargo de cada pessoa a escolha de um ou de outro.

Sob essa perspectiva, quando se trabalham teorias sociológicas do crime que seguem essa lógica, da escolha racional, reportam-se às teses que tratam atributos ecológicos de atos ilegais, como acontecimentos que ocorrem em diferentes locais, em função de uma estimativa realizada pelo transgressor. O praticante da conduta desviante (de acordo com as normas morais e legais) efetua uma análise do custo-benefício do crime, ou do conjunto de sua [provável] atitude. Desta forma, examina as circunstâncias em que ocorrerá a sua ação, a ocasião mais pertinente, bem como as probabilidades de

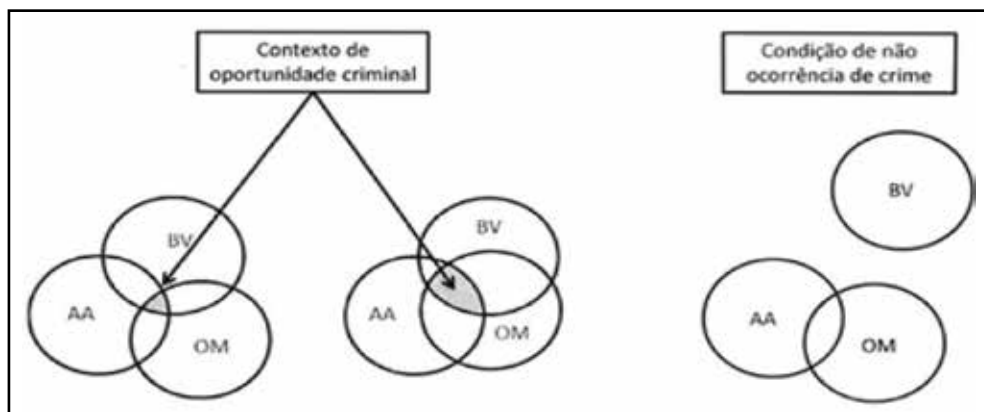
UM OLHAR SOBRE A VIOLÊNCIA URBANA: RELAÇÃO ESPACIAL ENTRE HOMICÍDIOS E TRÁFICO DE DROGAS NO BAIRRO PRIMEIRO DE MAIO, BELO HORIZONTE/ MG

ser bem-sucedido.

Segundo Silva (2012), a teoria que pode ser mais bem empregada para representar o conjunto de teorias que se utiliza da noção de oportunidades de crimes é a *Abordagem das Atividades Rotineiras* de Cohen e Felson (1979). Nesse sentido, para um melhor entendimento do fenômeno *criminalidade*, a partir da esfera e da conjuntura em que os crimes acontecem, é importante ressaltar a teoria.

A Teoria das Atividades Rotineiras de Cohen e Felson (1979) enfatiza que, para a ocorrência de um crime, é necessário que três circunstâncias ocorram: (a) ofensor motivado (OM), ou seja, alguém já predisposto à prática do delito; (b) alvo adequado (AA) – configuram pessoas ou coisas disponíveis à ação do criminoso; (c) baixa vigilância (BV) ou falta de controle e/ou cuidado capaz de evitar situações delituosas. Ainda segundo os autores, é preciso que os três elementos ocorram simultaneamente, de forma que a eliminação de apenas uma dessas três circunstâncias já seria o bastante para impedir a ação criminosa.

Figura 02 - Modelo da dinâmica criminal adaptado de Wilcox et al. (2013)



Fonte: ALVES, 2013

Alves (2013) argumenta que essa teoria assume que todos são

passíveis de cometerem delitos, independentemente das condições socioeconômicas e psicológicas individualmente consideradas. A atenção se move da propensão individual para o âmbito da oportunidade disponível em um local particular e em um momento próprio.

A abordagem de Cohen e Felson (1979) considera como a rotina diária converge esses três elementos (OM; AA; BV) no espaço-tempo, demonstrando que a dispersão da família e do lar pode influenciar nas taxas de delinquência a saber: de que forma essas características, a exemplo do local de residência das vítimas e dos ofensores, do relacionamento entre ambos (vítimas x ofensores), da idade, do número de adultos em uma casa e do horário de ocorrência, relacionam-se aos crimes (SILVA 2012).

Destarte, de acordo com o autor, essa teoria tem possibilitado a estudiosos redescobrirem como a prevenção do crime pode ser articulada em função da conformação situacional-ambiental e também explorar como os criminosos se movem no espaço urbano e como eles refletem e respondem às oportunidades ilegais (SILVA, 2012).

2.2 TEORIA MULTICONTEXTUAL: UMA INTEGRAÇÃO TEÓRICA

Dos estudos mais recentes, um trabalho apresentado por Wilcox et al. (2003) sugere o complemento da Teoria da Desorganização Social e da Teoria das Atividades Rotineiras, as quais, ao serem associadas, passaram a constituir um arcabouço teórico intitulado Teoria da Oportunidade Multicontextual. Alves (2013) argumenta que a integração das duas principais teorias (Desorganização Social e Atividades Rotineiras) apresenta uma explicação alternativa para a criminologia contemporânea ao concentrar suas análises na ligação entre o nível macro e o intermediário e ao avaliar a relação entre os efeitos contextuais do bairro (unidade ecológica) e sua respectiva taxa de crime.

UM OLHAR SOBRE A VIOLÊNCIA URBANA: RELAÇÃO ESPACIAL ENTRE HOMICÍDIOS E TRÁFICO DE DROGAS NO BAIRRO PRIMEIRO DE MAIO, BELO HORIZONTE/ MG

Conforme Alves (2013, p. 46-47), a Teoria Multicontextual, desenvolvida por Wilcox *et al.* (2003), converge três pontos principais entre as teorias da Desorganização Social e das Atividades Rotineiras, a saber:

O primeiro ponto em comum são os elementos de nível ambiental, tratados como determinantes das relações sociais e da ocorrência de crimes. Para a Teoria da Desorganização Social o nível de controle verificado nos bairros ou vizinhanças, e sua reformulação sistêmica (BURSIK; GRASMICK, 1993) destaca a importância das redes sociais relacionais e a organização entre os residentes capaz de promover a Eficácia Coletiva. Já a Teoria das Atividades Rotineiras, busca mostrar como as oportunidades criminais são geradas a partir das rotinas dos indivíduos ou grupos, sem deixar de reconhecer a importância do modo como a estrutura social influencia essas rotinas. Desta feita, o contexto ambiental das áreas urbanas afeta diferencialmente as atividades rotineiras dos indivíduos e a ocorrência de crimes.

Outro elemento teórico que pode ser conciliado entre as duas teorias refere-se ao tema do controle. O controle social formal e informal, no nível de bairro, está para a teoria da Desorganização Social, bem como o conceito de vigilância (*guardianship*) está para a teoria das Atividades Rotineiras e ambos são determinantes para a explicação dos diferentes níveis de crime. De acordo com Wilcox *et al.* (2003), ambos os controles são fundamentais na perspectiva da oportunidade criminal: uma redução do controle sobre a oportunidade para ocorrência de crimes implicará, teoricamente, no aumento de atos predatórios ilegais.

Por fim, um terceiro elemento teórico, um pouco mais complexo para ser harmonizado, é a questão da motivação dos criminosos, em especial, sobre a forma com que cada uma das teorias a considera:

- a) Do ponto de vista clássico, a motivação é considerada como algo dado ou não;
- b) Do ponto de vista positivista, assume-se que a motivação é algo diferenciado.

Wilcox *et al.* (2003) ainda propõem como princípio da Teoria

Multicontextual que se conceba a oportunidade criminal nas categorias individual e ambiental (ecológica). Desta feita, no nível individual há que se verificar o quadro definido por pessoas e objetos localizados em uma área e relacionados com elementos de oportunidade criminal. Já no nível ambiental, deve-se examinar a convergência, no tempo e no espaço, dos elementos alusivos ao contexto ofensor motivado/alvo adequado/baixa vigilância, específicos em um lugar delineado, ou seja, cada localidade terá um conjunto de fatores determinantes da oportunidade criminal distintos.

Ao propor uma abordagem integrada, os autores entendem que os determinantes da ocorrência de crimes estão relacionados aos aspectos principais das duas teorias revisadas, quais sejam: o nível da desorganização e o controle social singulares de um determinado ambiente social associados à convergência de ofensores motivados, vigilância ineficiente e alvos acessíveis.

Seguindo esse raciocínio, as proposições centrais dessa teoria são: o comportamento criminoso ocorre em um contexto de oportunidade; esse contexto se configura em função da confluência de alvo disponível, ofensor predisposto e ausência de guardião; ainda, o contexto ambiental pode ser compreendido enquanto uma diversidade de locais específicos, tais como escolas, centros comerciais, bairros e cidades (ALVES, 2013).

2.3 A RELAÇÃO HOMICÍDIOS X TRÁFICO DE DROGAS EM BELO HORIZONTE

A problemática que envolve a questão do tráfico de drogas tem se expandido cada vez mais no meio social, frequentemente ganhando grande destaque nos meios de comunicação e gerando infindáveis debates, dada a impressão de vulnerabilidade, insegurança e medo proporcionada.

UM OLHAR SOBRE A VIOLÊNCIA URBANA: RELAÇÃO ESPACIAL ENTRE HOMICÍDIOS E TRÁFICO DE DROGAS NO BAIRRO PRIMEIRO DE MAIO, BELO HORIZONTE/ MG

A complexa estruturação do mercado ilegal de drogas, comumente organizado em redes, e voltado à obtenção de vantagens financeiras ilícitas, é caracterizado, especialmente, pela disputa por pontos de venda de drogas, o que resulta em um grande número de mortes associadas ao envolvimento com drogas.

Almeida (2012, p.12), que estudou como a fragmentação do poder do tráfico de drogas influencia na incidência de homicídios no bairro Paulo VI, Belo Horizonte, explica que:

Paralelamente, o crack passou a fazer parte das redes de tráfico de drogas nas periferias das capitais brasileiras, ampliando os conflitos e tornando-os muito mais sangrentos e intermináveis, constituindo-se em um dos principais problemas de saúde e segurança pública no Brasil. O que era somente realidade das grandes cidades americanas no final dos anos de 1980, aportou em nosso país, juntamente com a violência que caracteriza as áreas de comercialização e consumo desta droga, especialmente na ocorrência de homicídios.

O autor discorre que, à medida que o crack se tornou conhecido em Belo Horizonte³e foi se consolidando nos principais pontos de venda, o número de homicídios acompanhou essa trajetória (ALMEIDA, 2012). Ele também argumenta que, na capital mineira, em muitos locais, a mercancia de drogas se dá no varejo, ou seja, existem diversos pontos de venda de drogas ou *bocas de fumo* e, conseqüentemente, vários líderes. Desta feita, cada *boca* opera com distintos procedimentos. Como aspecto singular desse mercado, têm-se intermináveis conflitos pela liderança do tráfico local, a qual se renova a cada morte de traficante ou com a chegada de liderança mais jovem. Como essa fragmentação dos locais de venda de drogas é uma verdade na maioria dos aglomerados da cidade, uma simples desavença ou algum episódio mal resolvido entre diferentes lideranças

³Proveniente da cidade de Ribeirão Preto, SP, à época maior centro de produção e distribuição do país, o crack apareceu em Belo Horizonte no ano de 1995, inicialmente no Morro do Querosene e na Pedreira Prado Lopes (ALMEIDA, 2012, p.53).

(como baixar o preço da droga ou querer ampliar seu domínio) ou dentro de um mesmo grupo criminoso (uma disputa por hierarquia, por exemplo) é um pressuposto para o engendramento de uma exponencial intensificação dos casos de homicídios, aumentando as vítimas da “guerra” do tráfico na capital (ALMEIDA, 2012).

Sapori (2010), no período entre os anos de 1997 a 2004, detectou que o aumento das taxas de homicídios em Belo Horizonte é consonante com o estabelecimento do comércio de crack na cidade. O autor, ao discorrer acerca da conjuntura das várias peculiaridades do tráfico de drogas em um contexto local, ressalta que os resultados de sua pesquisa apontam uma evidência convincente de que o aumento das ocorrências de homicídios a partir do referido período pode ser justificado, em grande parte, pela escalada dos conflitos relativos ao tráfico de drogas.

As redes de bocas são os pontos de maior produção de conflitos, e conseqüentemente de homicídios, devido ao poder do tráfico centralizado em uma localidade socialmente frágil, com tímida atuação estatal. Isso permite a criação de regras específicas de resolução de conflitos, fatores fundamentais para garantir o poder dos grupos (ALMEIDA, 2012).

Conforme Sapori (2010), o espaço utilizado pela boca é variável e possui configurações específicas de forma a garantir segurança e visibilidade para a mercancia do produto, com a devida tolerância dos moradores locais, tornando-se parte daquele ambiente. Elas operam sob dois formatos: uma rede de comércio hierarquicamente centralizada e outra iniciada por um grupo de pessoas, ou apenas uma que assume o comando do local de venda das drogas, sem ter uma estrutura empresarial hierárquica, ainda que haja divisão de tarefas (SAPORI, 2010).

Os resultados do trabalho de Ranauro (2004) corroboram uma

UM OLHAR SOBRE A VIOLÊNCIA URBANA: RELAÇÃO ESPACIAL ENTRE HOMICÍDIOS E TRÁFICO DE DROGAS NO BAIRRO PRIMEIRO DE MAIO, BELO HORIZONTE/ MG

relação existente entre homicídios e tráfico de drogas. De acordo com o autor, do total de 127 homicídios consumados registrados na região, 57% aconteceram dentro de aglomerados, onde a maioria de seus moradores é de pessoas de baixo poder econômico e onde é alto o índice de tráfico de drogas. Com relação à motivação aparente das mortes, 48% do total está diretamente associada ao envolvimento com drogas.

Silva (2012) verificou em sua pesquisa que é possível perceber padrões temporais de ocorrências de homicídios em Belo Horizonte, em relação ao dia da semana e aos horários de maior frequência. Nesse contexto, os crimes tendem a ocorrer em maior número nos finais de semana e à noite. Segundo o autor, esse fato ocorre porque nesse período ocorrem maiores interações sociais, além de maior consumo de álcool e drogas. Ainda, observou que a maioria dos homicídios ocorre em função de drogas e vingança pessoal e que o instrumento mais utilizado na prática do delito é a arma de fogo. No ano de 1999, 49% dos inquéritos de homicídios apurados pela Polícia Civil, em Belo Horizonte, tinham alguma relação com o tráfico de drogas.

Diferentemente do aparato legal, das normas que regulam a conduta em sociedade, as quais estabelecem limites das ações das pessoas e as noções de certo e errado, o funcionamento de atividades ilícitas, como é o caso do tráfico de drogas, não obedece a nenhuma legislação. Como consequência, a violência é a forma encontrada para a resolução dos impasses e conflitos inerentes a esse tipo de atividade. Tal realidade é ainda mais evidente em um contexto em que esse mercado é organizado em redes com múltiplos pontos de venda e cujo poder é fragmentado entre várias lideranças, o que gera conflitos pela disputa de comando e controle do mercado, culminando em uma grande vitimização das pessoas envolvidas direta e indiretamente nesse comércio ilegal. Nesse sentido, os índices de homicídios em Belo Horizonte guardam uma conexão com as atividades relacionadas

ao tráfico de drogas.

Sobre esse aspecto, Faria et al. (2018), em análise de atuação de gangue baseada no Aglomerado Alto Vera Cruz em Belo Horizonte, identificaram que o tráfico de drogas com envolvimento dos componentes da gangue apresentava um padrão de delimitação territorial, marcado pela disputa por mercado consumidor, e relacionado ao maior domínio do território pelos participantes da gangue que moravam nas proximidades dos locais de tráfico. O porte ilegal de arma de fogo e os homicídios também se concentraram próximo ao centro médio do grupo, o que sugere a necessidade da posse de arma de fogo para proteção da área de domínio territorial e apoia a prevalência de eventos de tráfico de drogas e também do homicídio nas proximidades do centro médio da gangue. Os autores concluíram que os dados corroboram com a perspectiva apresentada por Sánchez-Jankowski (1997) em relação à terceira condição estrutural da violência em gangues de necessidade de controle do território por meio da força física para domínio do mercado econômico de atuação.

3 DESCRIÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

Inaugurada em 12 de dezembro de 1897, Belo Horizonte, inicialmente, foi uma cidade inteiramente planejada e construída para ser a capital do estado. O plano da nova capital previa uma cidade dividida em uma área central, urbana e planejada, delimitada pela Avenida do Contorno, – a qual recebeu, ao longo do tempo, maiores investimentos de infraestrutura, a exemplo dos transportes coletivos e dos serviços básicos de saúde – e uma outra área, fora dos limites da Avenida do Contorno, que se desenvolveu de forma mais desorganizada, não recebendo a mesma infraestrutura: os bairros surgiram sem planejamento e sem os mesmos investimentos aplicados na área central (PBH, *on-line*⁴²).

⁴²Disponível em: http://www.pbh.gov.br/historia_bairros/NorteCompleto.pdf. Acessado em: 30 nov. 2017.

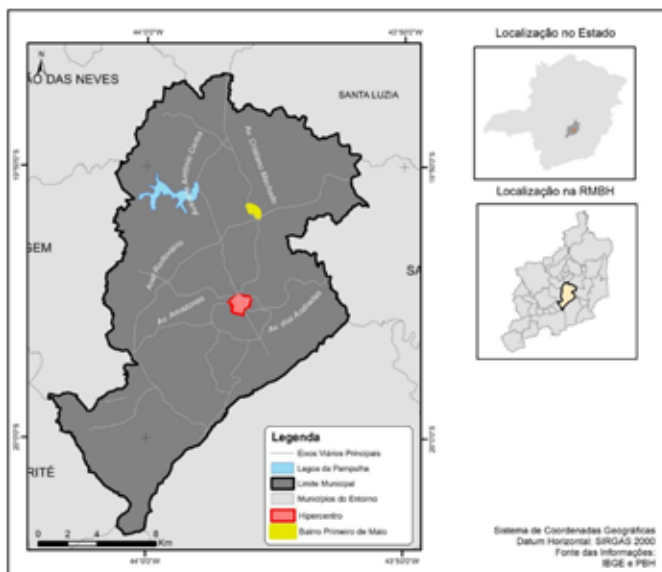
UM OLHAR SOBRE A VIOLÊNCIA URBANA: RELAÇÃO ESPACIAL ENTRE HOMICÍDIOS E TRÁFICO DE DROGAS NO BAIRRO PRIMEIRO DE MAIO, BELO HORIZONTE/ MG

O bairro Primeiro de Maio localiza-se na região norte de Belo Horizonte, circundado pelos bairros São Gabriel a leste, Providência a nordeste, Minaslândia a noroeste, Dona Clara a oeste e Suzana ao sul.

De acordo com o Portal da Prefeitura de Belo Horizonte, a história do bairro Primeiro de Maio está diretamente relacionada à localidade em que se encontra, a qual está inserida na Bacia do Ribeirão do Onça, lugar onde existia uma região de fazendas, matas e chácaras no início do século XX (PBH, *on-line*⁵³).

O Mapa 1 ilustra a localização do bairro Primeiro de Maio, dentro dos limites geográficos da cidade de Belo Horizonte/MG.

Mapa 01 - Localização do bairro Primeiro de Maio, Belo Horizonte/ MG



Fonte: ALVES, 2013

⁵³Disponível em: http://www.pbh.gov.br/historia_bairros/NorteCompleto.pdf. Acessado em: 30 nov. 2017.

A instalação de fábricas e de indústrias, principalmente a partir da década de 1930, e a instalação do Matadouro Modelo em 1937 (onde hoje se encontra o bairro São Paulo), atraiu trabalhadores de todo o estado para a cidade (PBH, *on-line*⁶). Por isso, foi preciso encontrar lugares para alocar a crescente população. Na década de 1940, para acompanhar o desenvolvimento urbano vivenciado pela capital, essas fazendas começaram a ser divididas em lotes e deram lugar aos bairros para o atendimento da demanda de moradia.

Rapidamente, a região próxima foi invadida e outras vilas se formaram em seu entorno, dando origem aos bairros Primeiro de Maio, Providência e Minaslândia, dentre outros. Como consequência, esses bairros foram ocupados sem planejamento e sem infraestrutura urbana adequada. Em 1967, a união das Vilas Santa Maria, Operária, Minaslândia e São José deram origem ao bairro Primeiro de Maio – o nome do bairro pode ser uma referência ao Dia Mundial do Trabalhador ou à data significativa mais próxima da sua oficialização, 02 de maio de 1990 (PBH, *on-line*⁷).

De acordo com Vieira *et al.* (2011), a partir do estudo do bairro Primeiro de Maio, da análise de sua distribuição espacial e da pesquisa de seus dados socioeconômicos é possível segmentar o bairro em áreas com características próprias:

- a) áreas de comércio municipal e residencial de maior renda, correspondente às regiões comerciais do bairro;
- b) área residencial cujos lotes são maiores, nos quais as construções ocupam pequena parte dos terrenos;
- c) área correspondente às famílias com menores rendas da região, as quais possuem construções precárias e justapostas, com grande

⁶Disponível em: http://www.pbh.gov.br/historia_bairros/NorteCompleto.pdf. Acesso em: 30 nov. 2067.

⁷Disponível em: http://www.pbh.gov.br/historia_bairros/NorteCompleto.pdf. Acessado em: 30 nov. 2017.

UM OLHAR SOBRE A VIOLÊNCIA URBANA: RELAÇÃO ESPACIAL ENTRE HOMICÍDIOS E TRÁFICO DE DROGAS NO BAIRRO PRIMEIRO DE MAIO, BELO HORIZONTE/ MG

quantidade de becos, ruas sem saídas e ruelas. Nessas áreas, sobretudo, a desordem social é perceptível, tanto por aspectos de degradação ambiental quanto por questões de enfraquecimento das relações entre habitantes locais – o que gera a diminuição do controle social.

Ainda segundo o trabalho de Vieira *et al.* (2011), o bairro se caracteriza, sobretudo, por possuir uma população de baixa renda, com uma renda média, por responsável pelo domicílio, entre zero (0) e cinco (5) salários mínimos, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) do ano de 2000. Há, também, muitos domicílios sem banheiro, refletindo precariedade na questão do saneamento básico.

Segundo o mapa do IBGE (2000), o índice de moradias sem banheiro no bairro é pequeno, entre 0,1% a 5%, porém, concentrado em algumas áreas onde o índice chega a 15%. Além disso, há uma alta taxa de famílias chefiadas por mulheres, em que os pais são ausentes. Circunstâncias que, aliadas ao fato de existir uma elevada taxa de desemprego estrutural no bairro, em que pessoas não qualificadas às crescentes demandas do mercado são excluídas do cenário profissional, gerando, na região, um grande índice de trabalhadores informais e desempregados, demonstram um forte indício de desestruturação e desorganização social (VIEIRA *et al.*, 2011, p. 12).

De acordo com o banco de dados da 3ª Delegacia Especializada em Investigação de Homicídios Venda Nova, atualmente existem três diferentes grupos de criminosos atuantes no bairro: Gangue da Rua A, com atuação nas imediações da rua Oscar Lobo Pereira (antiga rua A); Gangue do Miolo, com atuação nos arredores das ruas Gilson Bretas, Rosalina Bandeira e Rua dos Trabalhadores; e Gangue da rua Cinco de Julho, que atua nos entornos das ruas Cinco de Julho e Cecílio Emigdio Saturnino. Como resultado, o bairro apresenta altos índices de delitos.

4 MATERIAIS E MÉTODOS

Na pesquisa, foi utilizado o método de abordagem predominantemente dedutivo, pois, a partir do estudo das teorias criminológicas que abordam o aspecto da distribuição espacial dos eventos, buscou-se analisar o caso específico dos crimes de homicídio e tráfico de drogas no bairro Primeiro de Maio.

Em termos procedimentais, trata-se de uma pesquisa descritiva, realizada por meio de um estudo de caso, pois foi analisado o caso em comento em sua máxima profundidade, com investigação detalhada do fenômeno. Utilizou-se a documentação indireta, com pesquisa documental dos boletins de ocorrência (REDS).

Os métodos utilizados foram organizados em quatro etapas técnicas: primeiramente foi feito o mapeamento dos vários locais de venda de drogas e das ocorrências de homicídios (tentados e consumados) no bairro Primeiro de Maio; em segundo lugar, foi feita a análise da distribuição espacial para ambos os fenômenos separadamente por meio da técnica de distância entre vizinho mais próximo, a fim de identificar se os fatos analisados possuem correlação com o espaço, ou seja, se são eventos locais; na sequência, foi analisada a densidade de distribuição espacial das ocorrências, analisadas conjuntamente para verificar algum possível padrão espacial na distribuição do fenômeno; por fim, utilizando-se de ferramentas de análise espacial, identificou-se a distância mínima, máxima e média entre os locais de ocorrência dos homicídios em relação aos locais de tráfico de drogas, de forma a averiguar se os fenômenos estão espacialmente correlacionados.

Com o objetivo de obter uma maior aproximação da realidade, procurou-se abarcar o maior período de análise possível: 2007 a 2016. O banco de dados contou com 62 ocorrências de homicídios nas modalidades tentados e consumados e 99 ocorrências de tráfico

UM OLHAR SOBRE A VIOLÊNCIA URBANA: RELAÇÃO ESPACIAL ENTRE HOMICÍDIOS E TRÁFICO DE DROGAS NO BAIRRO PRIMEIRO DE MAIO, BELO HORIZONTE/ MG

de drogas e crimes relacionados⁸.

Pela fonte de dados, foi produzido um banco referente ao objeto de estudo. Através do *software* ArcGis, versão 10.1, foi realizado o mapeamento dos dados. Para identificação dos hot spots (pontos quentes ou locais de maior concentração, ou ocorrência, dos fenômenos), foi utilizada uma técnica estatística que permite a mensuração de uma superfície de densidade a partir da distribuição espacial de pontos. Para tanto, foi utilizado o interpolador Kernel com ocorrências por km².

Para análise da distância entre os locais de venda de drogas e os locais de ocorrências de homicídios, foi aplicada uma ferramenta de análise espacial do *software* ArcGis, a qual mede a menor distância em linha reta (distância Euclidiana) entre dois pontos.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presente pesquisa, com base no domínio do estudo da criminalidade, analisou a correlação espacial entre os pontos de venda de drogas e os crimes de homicídio no bairro Primeiro de Maio em Belo Horizonte, de forma a evidenciar a influência do ambiente urbano na ocorrência de delitos. Assim, foram apreciadas 161 ocorrências totais, sendo 99 ocorrências relativas à mercancia de drogas ilícitas, e crimes relacionados, e 62 ocorrências referentes a homicídios (modalidades tentada e consumada).

Inicialmente, foi verificado, por meio da análise geoespacial de padrões

⁸As informações que compõem o banco de dados foram retiradas do armazém de dados do REDS, fornecidas pelo Centro Integrado de Informações de Defesa Social (CINDS). O CINDS foi implantado em 2007 e tem como objetivo a produção mensal de estatísticas e relatórios analíticos sobre a criminalidade no Estado de Minas Gerais, partindo de informações retiradas dos bancos de dados das Instituições do Sistema de Defesa Social: Polícia Militar, Polícia Civil, Corpo de Bombeiros e Sistema Prisional. Disponível em: (<http://www.seds.mg.gov.br/component/gmg/page/354-integra>). Acesso em: 30 nov. 2017.

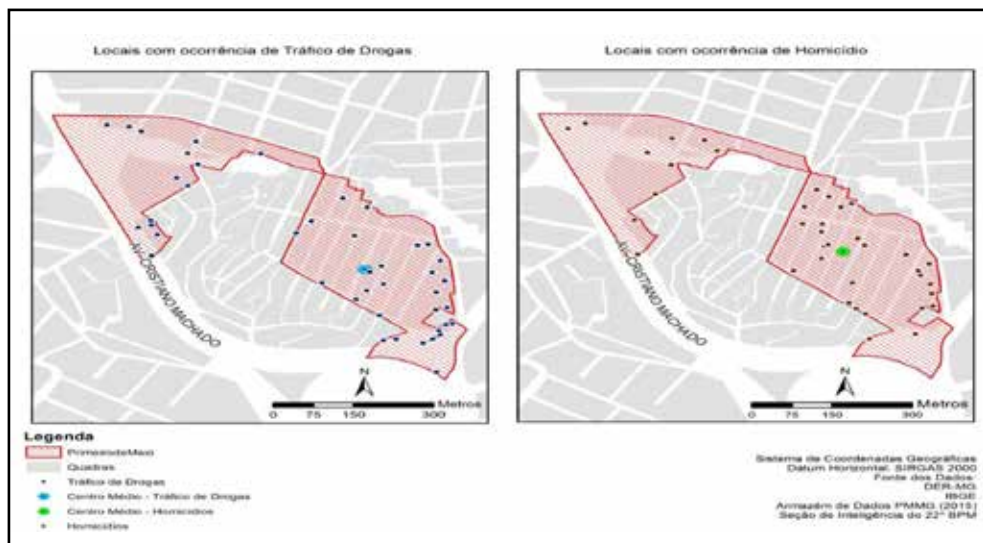
de pontos, se existe um padrão determinante, em termos espaciais, da distribuição dos eventos de tráfico de drogas e homicídios no Primeiro de Maio. Ambos os eventos analisados (homicídios e tráfico de drogas) para os dados do bairro Primeiro de Maio, possuem distribuição espacial com PADRÃO AGREGADO. Logo, existe algum fator locacional que influencia a ocorrência dos eventos concentrados no espaço, em localidades próximas e específicas.

Em sequência, no Mapa 2, é apresentada a distribuição geoespacial das ocorrências de tráfico ilícito de drogas e de homicídios (tentados e consumados) registradas no bairro Primeiro de Maio, no período compreendido entre os anos de 2007 a 2016.

Mapa 2 - Mapa de localização dos locais onde ocorre o tráfico de drogas x locais de homicídios (tentados e consumados), Primeiro de Maio, Belo Horizonte/MG , 2007-2016

UM OLHAR SOBRE A VIOLÊNCIA URBANA: RELAÇÃO ESPACIAL ENTRE HOMICÍDIOS E TRÁFICO DE DROGAS NO BAIRRO PRIMEIRO DE MAIO, BELO HORIZONTE/ MG

Mapa 01 - Localização do bairro Primeiro de Maio, Belo Horizonte/ MG



Fonte: Elaborado pelos autores.

A partir da análise do Mapa 2, é possível verificar alguns importantes aspectos a se destacar:

- os pontos indicados no mapa demonstram que os locais onde foram assinalados episódios de tráfico ilícito de drogas, em comparação com os locais onde ocorreram os homicídios, apresentam uma distribuição geoespacial similar: ambos estão distribuídos por toda a extensão do bairro, entretanto, apresentam uma maior concentração na porção leste do mapa;
- o centro médio⁹ de ocorrências de tráfico ilícito de drogas e o centro médio dos casos de homicídios são muito próximos, ou seja, estão localizados em uma posição geográfica bem aproximada, um em relação ao outro, fato que corrobora com a informação de que os

⁹Um dos parâmetros para analisar a concentração dos eventos é o centro médio. Esta variável representa a média aritmética das coordenadas de latitude e longitude, com o objetivo de permitir a descrição da concentração dos eventos.

eventos estão distribuídos de maneira não aleatória no espaço e que ambos possuem correlação, pois os fatores locais que interferem num crime também o fazem para o outro tipo de evento criminal;

c) em que pese não estar demonstrado no mapa, as áreas de maior concentração de eventos, – tráfico ilícito de drogas e homicídios, – coincidem com uma parte do bairro caracterizada por um ambiente mais deteriorado, composto por habitações precariamente construídas que, em muitos pontos, configuram becos estreitos, vielas e ruas sem saídas.

Nesse sentido, o exame do Mapa corrobora com a existência de algum fator local que influencia a ocorrência dos eventos (tráfico ilícito de drogas x homicídios) em localidades próximas, ou seja, onde há registros de mercancia de drogas ilícitas configuram locais contíguos àqueles onde foram registrados casos de homicídios.

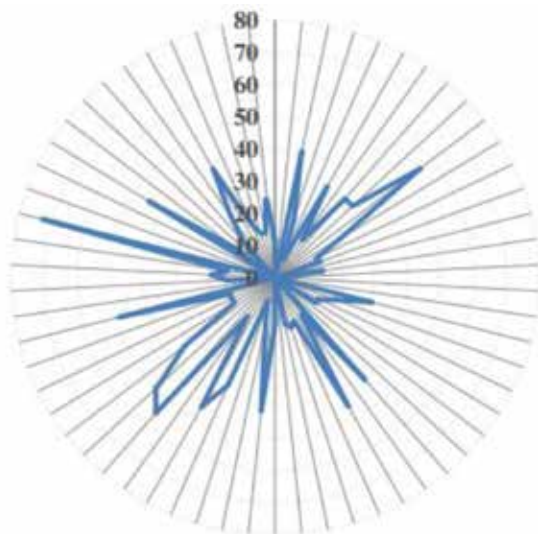
Destarte, para identificar e destacar as áreas com maiores concentrações de registro dos eventos em estudo, e verificar algum possível padrão espacial na distribuição desses eventos, foi feito um mapa de Kernel, uma vez que essa é uma alternativa para análise geográfica do comportamento de padrões, pois no mapa é plotado, por meio de métodos de interpolação, a intensidade pontual de determinado fenômeno em toda a região de estudo. Assim, é possível ter uma visão geral da intensidade do processo em todas as regiões do mapa.

A seguir, tem-se o mapa de Kernel referente às concentrações dos casos de homicídios e dos pontos de mercancia de drogas ilícitas no bairro Primeiro de Maio, Belo Horizonte/MG (MAPA 2).

basicamente, a região sudeste do bairro (Rua Volts, Rua Ohm e Rua Elétron). Da mesma forma, o mapa da direita concerne aos pontos onde há registros de tráfico ilícito de drogas, o qual expõe uma confluência acentuada dos fenômenos, também, na porção leste do mapa – englobando a região sudeste do bairro, porém uma área mais abrangente (Rua Volts, Rua Ohm, Rua Elétron e pequena parte da Avenida Cristiano Machado).

Para análise da distância entre os pontos de venda de drogas e os locais de crimes de homicídios, com o objetivo de investigar se esses fenômenos estão correlacionados espacialmente, foi empregada uma técnica de análise espacial do software ArcGis, que mede a menor distância em linha reta entre dois pontos (distância Euclidiana). Assim, a distância entre os casos de homicídios e os locais de comercialização de drogas mais imediatos, bem como a distribuição percentual dessas distâncias, foram representadas no Gráfico.

Gráfico 01 - Relação da distância: locais de homicídios x locais de tráfico ilícito de drogas mais próximos



Fonte: Elaborado pelos autores.

UM OLHAR SOBRE A VIOLÊNCIA URBANA: RELAÇÃO ESPACIAL ENTRE HOMICÍDIOS E TRÁFICO DE DROGAS NO BAIRRO PRIMEIRO DE MAIO, BELO HORIZONTE/ MG

No Gráfico 1, a escala numérica representa as distâncias (em metros) entre os locais de ocorrência dos casos de homicídios e os pontos de registros de venda de drogas mais próximo desses locais (de homicídios).

A Tabela 1 traz a distribuição percentual das distâncias euclidianas verificadas entre os locais de homicídios e o ponto de tráfico de droga mais próximo. Os dados foram agrupados em três intervalos: igual a 0 (zero) – o local onde ocorreu o homicídio coincide com o ponto de venda de drogas; entre 0 e 50m e entre 50 e 72,59m, que foi a maior distância encontrada.

Tabela 01. Distribuição percentual: relação da distância entre local de homicídio e ponto de venda de drogas mais próximo

Distância entre ponto de homicídio e tráfico mais próximo	Frequência	
	Absoluta (Nº ocorrências)	Relativa (%)
Igual a 0	12	19%
Entre 0 e 50 m	47	76%
Entre 50 e 72,59 m	3	5%

Fonte: Elaborado pelos autores.

O estudo do Gráfico 1 e da Tabela 1 permite inferir que:

- do total de 62 (sessenta e duas) ocorrências relativas ao delito homicídio, 12 (doze) casos, ou crimes, correspondentes a 19% da totalidade, aconteceram nos pontos de venda de drogas: distância igual a 0 (zero). Ou seja, o homicídio aconteceu no ponto de venda de drogas;
- 47 eventos, equivalentes a 76% do todo, aconteceram a uma distância que varia entre o intervalo de um valor superior a 0 (zero) e 50 (cinquenta) metros das zonas de tráfico de drogas;
- por fim, 3 (três) registros de homicídios, significando 5% do total, foram assinalados em uma distância superior a 50 (cinquenta)

metros e inferior a 72,59 metros dos locais de mercancia de drogas.

Assim, percebe-se que as ocorrências de homicídios aconteceram em localidades próximas aos pontos de venda de drogas ilícitas, que variaram de zero a 72,59 metros.

A concentração espacial dos delitos, bem como sua correlação espacial, pode ser explicada pelas teorias sociológicas do crime que atribuem ao ambiente degradado associado à questão da baixa vigilância a ocorrência dos delitos, conforme abordado na Seção 2 deste trabalho.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa examinou a correlação espacial entre os crimes de homicídios e os locais de comércio de drogas ilícitas, no período compreendido entre os anos de 2007 a 2016, no bairro Primeiro de Maio em Belo Horizonte.

O crescimento desordenado e sem planejamento da região em que o bairro Primeiro de Maio está inserido provocou a ocupação de áreas inapropriadas para a habitação, com moradias construídas em áreas íngremes e nas margens de córregos, fato que resultou em situações conflitantes¹⁰.

Os resultados obtidos no estudo são consonantes com a lógica das teorias ecológicas do crime, em especial a Teoria da Desorganização Social, no que se refere ao fato de que em um ambiente caracterizado por desalinhamento social há maior probabilidade de ocorrências de delitos. Também, eles estão de acordo com o raciocínio de Silva (2012), o qual enfatiza que os aglomerados, por serem ambientes desorganizados, são áreas da cidade onde há maior risco de acontecerem homicídios e

¹⁰Disponível em: http://www.pbh.gov.br/historia_bairros/NorteCompleto.pdf. Acessado em: 01 fev. 2018.

UM OLHAR SOBRE A VIOLÊNCIA URBANA: RELAÇÃO ESPACIAL ENTRE HOMICÍDIOS E TRÁFICO DE DROGAS NO BAIRRO PRIMEIRO DE MAIO, BELO HORIZONTE/ MG

outros delitos, uma vez que os casos estudados apresentaram maior concentração nas áreas do bairro onde a desorganização social é preponderante.

Foi verificado que os homicídios catalogados no bairro ocorreram nas imediações ou nos próprios locais de comércio de drogas. Dos casos de homicídios sob análise, todos apresentaram uma distância inferior a 100 (cem) metros de distância do ponto de tráfico de drogas mais próximo: a distância entre o local do homicídio e o ponto de venda de drogas mais próximo variou de 0 (zero) metro, a distância mínima, a 72,59 metros, a distância máxima. Portanto, considerando-se os limites do presente trabalho, é possível concluir que existe uma correlação espacial entre as ocorrências de homicídios e os pontos de venda de drogas, a qual demonstra que o crime de homicídio está fundamentalmente conexo ao tráfico ilícito de drogas no bairro Primeiro de Maio.

Diante do exposto, infere-se que a presente pesquisa concede uma importante contribuição teórica, no sentido de fomentar e ampliar o conteúdo acadêmico, além de contribuir para que as políticas públicas de segurança estejam mais robustecidas pelo incremento do conhecimento científico em prol da prevenção criminal.

REFERÊNCIAS

AFFONSO, Leonel Archanjo. A violência urbana. **O Alferes**. Belo Horizonte, n. 6, p.11-82, mai. – ago. 1985.

ALMEIDA, Eduardo Lucas de. **Criminalidade e violência urbana** – o impacto da fragmentação do poder do tráfico de drogas na incidência de homicídios. 2012. 125 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão Estratégica de Segurança) – Academia de Polícia Militar de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

ALVES, Daniel Garcia. **Ecologia Urbana, vitimização repetida e crime: uma análise dos homicídios na RMBH**. 2013. 80 f. Monografia (Especialização em Gestão Estratégica de Segurança Pública) – Academia de Polícia Militar de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

BAGGIO, Ulysses da Cunha. **A luminosidade do lugar - circunscrições intersticiais do uso de espaço em Belo Horizonte: apropriação e territorialidade no bairro de Santa Tereza**. 2005. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. doi:10.11606/T.8.2005.tde-02022006-135000. Acesso em: 16 jun. 2017.

BARBOSA, Wilmar do Valle. **Pensando sobre a violência**. In: *Violência, crime e castigo*. Coleção seminários especiais – Centro João XXIII. (Orgs.) BINGEMER, Maria Clara Lucchetti; BARTOLO JR, Roberto dos Santos. São Paulo: Loyola, 1996.

BEATO FILHO, Cláudio Chaves et al. Conglomerados de homicídios e o tráfico de drogas em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, de 1995 a 1999. **Cad. Saúde Pública** Rio de Janeiro, v. 17, n. 5, p. 1163 - 1171, Oct 2001. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2001000500017&lng=en&nrm=iso. Access on 02 July 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2001000500017>

BURSIK, R. J. Social Disorganization and Theories of Crime and Delinquency: Problems and Prospects. In: *Criminology*, Volume 26(4): 519-51, 1988 apud SILVA, Bráulio Figueiredo Alves da. **Criminalidade urbana violenta: uma análise espaço-temporal dos homicídios em Belo Horizonte**. 2012. 56 f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

UM OLHAR SOBRE A VIOLÊNCIA URBANA: RELAÇÃO ESPACIAL ENTRE HOMICÍDIOS E TRÁFICO DE DROGAS NO BAIRRO PRIMEIRO DE MAIO, BELO HORIZONTE/ MG

BURSIK, R. J Harold G. GRASMICK, H. G. **Neighborhood and Crime: the dimensions of effective community control.** San Francisco: Jossey-Bass Inc., 1993.

CERQUEIRA, Daniel; LOBÃO, Waldir. **Determinantes da criminalidade: uma resenha dos modelos teóricos e resultados empíricos.** Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA – Texto para discussão n° 956, Rio de Janeiro, 2003.

COHEN, L. E.; FELSON, M. **Social change and crime rates trends: a routine activity approach.** In: American Sociological Review, v. 4, p. 588-608, 1979.

CRUZ, Wilson José Antônio da. **Os “entranhos” para o surgimento da eficácia coletiva: um estudo de casos em um Aglomerado de Belo Horizonte.** 2010. 189 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

FARIA, Antônio Hot Pereira de *et al.*. **Gangue e Territorialidades: um estudo exploratório de processos sociais e espaços envolvidos na ação de gangue em Minas Gerais.** In: GOMES, Ingrid Aparecida (Org.). **A Produção do Conhecimento Geográfico 2.** Ponta Grossa: Editora Atena, 2018.

FERREIRA, Tomás Hilário Cardoso. **Relação espacial entre homicídios e tráfico de drogas no aglomerado subnormal Alto Vera Cruz em Belo Horizonte.** In: **Inteligência de segurança pública e cenários prospectivos da criminalidade.** Série inteligência, estratégia e defesa social. (Orgs.) HAMADA, Hélio Hiroshi; MOREIRA, Renato Pires. Belo Horizonte: Editora D’Plácido, 2016. 248p.

MARICATO, E. **O urbanismo na periferia do capitalismo: desenvolvimento da desigualdade e contravenção sistemática.** ○

novo Brasil urbano: impasses, dilemas, perspectivas. Porto Alegre: Mercado Aberto, p. 261-287, 1995.

MARICATO, E. **Metrópole na periferia do capitalismo.** 1996. Monografia. Disponível em <https://bdpi.usp.br/item/000949899>. Acesso em: 12 fev. 2019.

PEDRAZZINI, Yves. **A violência das cidades.** Tradução: Giselle Unti. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. 188p.

PORTAL DA PREFEITURA DE BELO HORIZONTE. Disponível em http://www.pbh.gov.br/historia_bairros/NorteCompleto.pdf. Acesso em: 30 nov. 2017.

RANAURO, Cirdinères Nícola de Oliveira. **Estudo das ocorrências de homicídios consumados na área do 16º BPM em 2003.** 2003. 53 f. Monografia (Formação de Oficiais da Polícia Militar de Minas Gerais) – Academia de Polícia Militar de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

SÁNCHEZ-JANKOWSKI, Martín. As gangues e a estrutura da sociedade norte-americana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 12, n. 34, pp. 25-37, 1997.

SAPORI, Luís Flávio; MEDEIROS, Regina. **Crack: um desafio social.** Belo Horizonte: Ed. PUC, 2010.

SHAW, Clifford; MCKAY, Henry D. **Juvenile delinquency and urban areas.** Chicago, 1942.

SILVA, Bráulio Figueiredo Alves da. **Criminalidade urbana violenta: uma análise espaço-temporal dos homicídios em Belo Horizonte.** 2012. 56f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas

UM OLHAR SOBRE A VIOLÊNCIA URBANA: RELAÇÃO ESPACIAL ENTRE HOMICÍDIOS E TRÁFICO DE DROGAS NO BAIRRO PRIMEIRO DE MAIO, BELO HORIZONTE/ MG

Gerais, Belo Horizonte, 2012.

VIEIRA, Ludmila Sousa; FREITAS, Mozer Lopes de; PEDROSA, Renata de Sousa; ALVES, Thais Lamonier Varella. **Relatório final:** bairro Primeiro de Maio análise e estudo urbano. 2011. 59f. Estudo Preliminar – Graduação em Arquitetura pela Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/LUDMILASOUZA89/primeiro-de-maio>. Acesso em 01 fev. 2018.

WILCOX, P.; LAND, K. C.; HUNT, S. A. **Criminal circumstance:** adynamic Multicontextual Criminal Opportunity Theory. New York: Aldine de Gruyter, 2003.